

Estoques de Sedução Entrevista com Maria da Conceição de Almeida

por Helton Rubiano de Macedo e Margarida Maria Knobbe

Nesta entrevista exclusiva à *Revista ExperimentArt*, Maria da Conceição Xavier de Almeida, professora titular do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenadora do GRECOM – Grupo de Estudos da Complexidade, revela algumas faces de sua vida e de suas ideias, sempre implicadas em conjunto, suscitadas por duas de suas obras que contêm textos trans ou extra acadêmicos, ou seja, ultrapassam as cercas da academia sem deixarem, contudo, de remeterem também às suas experiências na universidade. São eles: *Quase nua – meias verdades, mentiras sinceras* (2016) e *Palavras úmidas – homenagens, prefácios e outros escritos* (2014).

Autora de diversos outros livros, artigos e ensaios, entre os quais: *Complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento* e *Complexidade, Saberes Científicos, Saberes da Tradição*, Ceíça Almeida não se esquiva dos amores, iras, emoções e imaginação em suas narrativas científicas. Porém, essas duas obras que escolhemos para esta entrevista provocativa, concedida a Helton Rubiano de Macedo e a Margarida Maria Knobbe, são estoques de sedução nos quais pulsam com maestria as características de uma intelectual inteira que sabe fazer uso das palavras com pertinência e ousadia, dissolvendo sua singularidade individual para falar da condição humana.



Foto: Angela Almeida

Margarida – O seu livro *Quase nua* não é um diário, embora revele significados importantes de sua vida. Como diz Edgard de Assis Carvalho no prefácio, “sua escrita traz a marca autoanalítica do feminino”. Você concorda com ele, de que “somente uma mulher seria capaz de exibir-se dessa forma, quase nua, de corpo, mente, alma”?

Ceição – De fato, como você afirma e eu esclareço no texto de abertura do livro, o *Quase Nua* não é um diário. Não é também uma autobiografia. Mas é claro que revela significados, desejos, valores e modos de viver experimentados por mim, na minha vida. Queiramos ou não, imprimimos sempre nossas marcas pessoais nos nossos escritos. Mesmo que o livro seja um caleidoscópio de experiências vividas por outras pessoas e confessadas a mim ao longo dos anos; um conjunto de cenários não reais imaginados por mim; também narrativas distorcidas, modificadas e, às vezes, invertidas, de situações vividas, o certo é que os quase duzentos fragmentos do livro me revelam. Em parte. Porém, as partes reveladas não seriam também partes de tantos de nós? Elas seriam “minhas

partes” mesmo? Por que pergunto isso? No fragmento 108 afirmo que “sinto-me quase sempre muitas e diversas nos meus estados de ser”. Esse sentimento, ou mesmo essa minha autocompreensão fizeram com que eu, depois de tanto tempo, resolvesse fazer uma escolha de textos entre as dezenas de coisas que eu escrevia em um arquivo de meu computador e publicasse. Claro que precisei do encorajamento de dois amigos, e mesmo da “autorização” de um deles – que dizia tratar-se de narrativas literárias.

De fato, o que me liberou para publicar, ou seja, o que reduziu minha autocensura foi a sensação de que eu estava a falar não de mim propriamente, mas de experiências dos outros com as quais me identificava, de sonhos meus que penso serem sonhos de muitas pessoas, talvez mesmo de desejos arcaicos de todos nós e que raramente compartilhamos – seja pelo pudor ou pela interdição cultural. E, confesso, quando escutei de algumas alunas e de alguns amigos que eles se identificaram com tal ou qual fragmento, senti que o livro tinha respondido ao meu propósito de permitir projeções, identificações e mesmo de instigar modos diversos e mais sensuais e ousados de fazer amor, de viver as amizades, de compreender o limite difuso entre felicidade/infelicidade, de reduzir as culpas e as falsas morais.

Quanto ao entendimento de Edgard Carvalho a respeito de uma escrita que traz a marca autoanalítica do feminino, quem sou eu para concordar ou discordar de um intelectual que é leitor atento da psicanálise em vários de seus matizes? Quando li o prefácio enviado por ele, também me perguntei o que você me pergunta agora. Como respondi para mim mesma? Sim, se uma mulher escreve incorporada das provocações de Clarissa Pinkola Estés no que se refere ao despertar da “mulher selvagem” que habita o inconsciente da fêmea humana. Sim, se decidimos por

aceitar que a mulher é um elemento importante na desordem dos cenários sociais – o que supõe uma escrita contestatória da razão moralista e ordeira. Acredito também que, quando Edgard fala de feminino, ele se refere a um modo de existir que se desloca da confortável clausura da inocência para anunciar os ‘não-ditos’ que habitam os porões da alma humana; porões onde se bricolam o masculino e o feminino.

Helton – No *Quase nua* você confessa: “se escrever para mim é um parto difícil, é também um longo exercício de imaginação orgásmica tecida com ímpeto, mas lenta e sutilmente”. No âmbito da academia, qual seria a contribuição da “imaginação orgásmica” para a escrita da ciência?

Ceição – Ímpeto, lentidão, sutileza, cálculo e arrebatamentos são alguns dos alimentos dos quais nos valem para viver. Isso ocorre em qualquer domínio de nossas ações - no convívio social; nos momentos solitários; no processo de aprendizagem; no ato amoroso; na construção de um argumento filosófico; na contemplação estética; na escritura de uma tese, de um artigo científico ou de um ensaio. A condição humana é tecida pelo conjunto desses alimentos que só se separam e se opõem por força de regras esquizofrênicas, de paradigmas e valores que vamos internalizando inconscientemente por força das convenções sociais. É bom lembrar que a ciência é uma produção da cultura humana e cria suas regras de escritura, seus códigos, suas convenções. Uma delas diz respeito à suposta natureza singular do texto científico que, diz-se, requer impessoalidade e supressão dos valores pessoais.

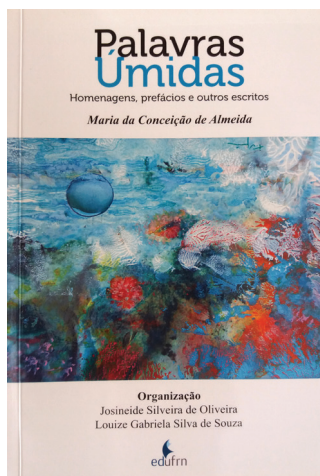
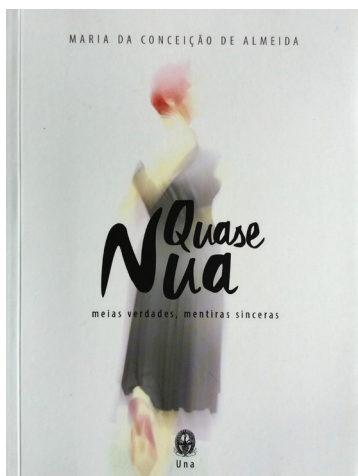
Na formação acadêmica, fomos instados a separar objetividade e subjetividade, nos impuseram como protocolo e regra um texto sem sujeito, sem afeto, sem ira, sem desejo. Um texto que só vem a público quando já está supostamente isento de

contradições, desordens e incertezas que se apresentaram a nós durante o processo da pesquisa e reflexão. Uma escrita assim corresponde à mutilação da imaginação humana, que é sempre um fluxo intercalado de intempestividades e sutilezas, a exemplo do ato amoroso, do ato educativo, do ato político. Ah!, se fosse possível proceder a uma psicanálise dos textos impessoais, desprovidos do sujeito escrevente! Quanto desejo de pureza, de exatidão, de ordem e de verdade se esconde em frases imperativas de verdade, do tipo “os dados demonstram que!” Quanta ausência de desejo humano, esse magma turvo, impreciso e intempestivo que tentamos a todo custo controlar, afastar, domesticar! Sempre podemos perguntar: qual sujeito se esconde por trás de uma tabela precisa, de um argumento absolutamente irretocável, de uma tese impessoal e ordeira? Às vezes fico a imaginar aquele homem ou aquela mulher que escreve de maneira tão dura, exata, precisa. Fico pensando: como será ele ou ela no seu dia a dia? Como faz amor? Como se relaciona com seus alunos? Se forem afetuosos, descontráidos e lúdicos, então são esquizofrênicos ou bipolares. Gosto demais dos bem lapidados argumentos e das provocações éticas de Isabelle Stengers em *A invenção das ciências modernas*. Na parte final do livro, e referindo-se ao que Félix Guattari chamou de ‘produção coletiva de subjetividade’, Isabelle propõe que reinventemos a ciência, dessa vez “sob o signo do humor” e da expressão de nossas subjetividades. Para ela, humor e subjetividade são vitais para o cientista ‘resistir à vergonha do presente’. Leio um fragmento do livro: “O humor é necessário para nos preservar da superestimação do heroísmo do desafio: nós não temos que nos inventar radicalmente diferentes daquilo que somos, porque somos já bem diferentes daquilo que acreditamos ser” (essa citação se encontra na página 200 do livro ao qual me referi). Dessa perspectiva, uma escritura sem desejo corresponde a uma autoclave que esteriliza o

pensamento e o torna um asceta privado dos prazeres perigosos da imaginação. É nesse sentido que no livro falo de uma imaginação orgásmica. É claro que o padrão impessoal, dessubjetivado e asceta não corresponde à totalidade das escrituras de filósofos, epistemólogos, cientistas e acadêmicos. Basta ler Michel de Montaigne, Georges Bataille, Jean Baudrillard, Félix Guattari, Gilles Deleuze e Edgar Morin para sentir a não domesticação de uma imaginação arcaica capaz de religar prosa e poesia, razão e emoção, escritor e escritura.

Você pergunta qual seria a contribuição dessa imaginação para a escrita da ciência. Penso que ela ajudaria a tornar a ciência mais próxima da vida, permitiria repor os estoques da sedução e do pensamento desejanste. Mas não creio que isso acontecerá um dia de modo ampliado e como uma marca paradigmática da cultura científica e acadêmica. A ciência como instituição, isto é, como dispositivo discursivo oficial, está, quase sempre, de mãos dadas com a ordem, a assepsia do intelectual, a obsessão pela verdade – domínios da seriedade programada, do culto ao bom comportamento, à obediência e à inocência dissimulada. Ao lado disso, um obstáculo mais forte parece impedir a expressão generalizada das subjetividades e desejos. Disso tratou muito bem a psicanálise. Entre os desejos e as circunstâncias vividas, o abismo é grande; ele se manifesta também na escritura científica. Uma coisa parece certa: uma pulsão cognitiva contaminada da imaginação orgásmica e não domesticada pela racionalização sempre esteve presente no pensamento dos cientistas e acadêmicos – mesmo que essa pulsão tenha sido, por força dos códigos paradigmáticos, impedida de vaziar para os textos. Foi esse impedimento que protagonizou a separação entre livros científicos e livros de divulgação científica e também, de certa forma, opôs memoriais de concursos públicos a autobiografias. Ora, para Stengers, o intelectual que

emerge da invenção das ciências modernas oscila entre o cientista-poeta e o cientista-juiz e, entre esse último e o profeta, “a distância é curta”, diz ela. Um fato curioso: Ilya Prigogine, prêmio Nobel de Química de 1977, foi denominado por seus colegas de ‘poeta da termodinâmica’ – nunca sei se entendo isso como um elogio ou como uma crítica desclassificatória. Deveria ser um elogio, é claro!



Margarida – Na página 121 de *Quase Nua* você declara: “Adoro um quase: quase dia, quase noite, quase completamente, quase feliz, quase triste, quase verdade, quase imaginação”. O que o ‘quase’ representa na vida e nas ideias de quem se insere nas ciências da complexidade?

Ceição – Para as ciências da complexidade precisamos ter consciência de que os fenômenos nunca se mostram em sua totalidade, completude, transparência. As verdades são sempre parciais e temporárias. Um dos livros que gosto muito do Henri Atlan tem o provocativo título *Tudo, Não, Talvez*. Ali ele tece uma reflexão que, no meu modo de ver, expõe princípios de uma epistemologia complexa. Atlan propõe que abramos mão do Tudo (desejo de

totalidade) e do Não (recusa das contingências) para nos abriremos à incerteza do Talvez. Nesse sentido, o meu ‘quase’ equivaleria ao ‘talvez’ de Henri Atlan. A consciência do ‘quase’ nos afasta do completamente, do totalmente, do sentimento de verdade e de certeza. Quem é completamente feliz? Inteiramente infeliz? Fernando Pessoa dizia que só os mediocres são felizes. Citando o livro *Tao-Te-Ching*, Edgar Morin lembra que “a infelicidade caminha lado a lado com a felicidade; a felicidade dorme aos pés da infelicidade”, falo disso no fragmento 65 do livro. Viver o quase como um princípio que orienta nossas vidas – que inclui a prática acadêmica e a construção do pensamento é, talvez, o modo de ser que se espera de um intelectual complexo.

Helton – No *Quase nua* você assume que faz uma re-escritura de histórias que lhe foram confessadas ou mesmo de suas próprias histórias. Trata-se de uma re-escritura carregada de imaginação e poesia, afinal, o real não seria nada sem a fantasia. Prosseguindo nesse exercício de imaginação, que história(s) você ainda gostaria de viver?

Ceição – Que histórias eu ainda gostaria de viver? Bem, eu me daria por quase satisfeita se vivesse trinta ou quarenta vezes as ficções narradas nos fragmentos 16, 88, 107, 113, 119 e 126. Mas não faz sentido sintetizar aqui do que trata aqueles fragmentos, mesmo porque se eu fosse dar vida àquelas ficções eu carregaria mais na tinta para recompor cenários e personagens. Não sei se isso seria possível. O sonho e a ficção amplificam exponencialmente, e com mais glamour, o que vivemos na realidade. Os personagens criados por mim, no *Quase nua*, parecem só existir na nossa imaginação – não na minha especificamente.

Helton – Ainda no *Quase nua* você revela que textos que estavam no original foram excluídos na versão final, pois ainda não

era o momento de libertá-los. Que segredos podem revelar os que já a viram completamente nua?

Ceixa – De alguns dos textos excluídos eu gostava tanto, que cheguei a me sentir covarde por não os deixar nascer, pelo simples fato de algumas narrativas estarem próximas demais de situações vividas por mim. Porém, o livro não era uma autobiografia, eu sabia disso, e era necessário evitar que fosse lido como tal. Agora, pensando bem, eles não serão libertados em nenhum momento. Ao excluí-los, eles morreram para sempre, mesmo porque não os guardei em lugar algum. Quanto a que segredos podem revelar os que já me viram completamente nua, não sei o que responder. Na apresentação do livro, eu digo que só fiquei ‘nua mesmo’ (não completamente, é claro) diante de Freud e pela mediação de minha analista. Acho que imagino demais porque, às vezes, atuo de menos. Como todos nós. É claro que revelei segredos a amigos com os quais vivo visceralmente minhas intimidades – palavra



para mim sinônima de amizade. Espero, no entanto, que eles jamais revelem esses segredos. Gosto de Gilles Deleuze, no livro *Conversações*, quando diz que acredita no segredo, na potência do segredo. Segredos existem para serem guardados a sete chaves, como se diz.

Margarida – Os exercícios de admiração que você realiza em *Palavras Úmidas* não só levam a uma compreensão das pessoas admiradas, mas são igualmente uma espécie de autorrevelação através dos outros. Re-criando uma pequena parte da história de seus admirados, você com-promete-se, fundindo horizontes cognitivos e afetivos. Suas palavras evocam uma mediação refletida entre o eu e o tu. O que esses exercícios, afinal, revelam sobre você?

Ceição – O *Palavras Úmidas* corresponde, de certa forma, a *Exercícios de admiração*, conforme o título do livro de Emile Cioran, que você me deu de presente um dia e que releio sempre. Apesar de apenas uma das partes seja classificada como “homenagens”, o livro todo pode ser considerado um livro homenagem. Mesmo os prefácios, apresentações e orelhas que foram escritos para 70 livros de autores de fora do Brasil e de vários estados brasileiros são também palavras de elogio e homenagem. Isso porque cada vez que disse sim para prefaciar ou escrever alguma coisa para uma publicação, o fiz por reconhecer o valor do livro, mas, sobretudo, por amizade. Você que me conhece desde o século passado (risos) e é dotada de uma sensibilidade meio cigana só poderia mesmo me sentir autorrevelada, em parte, em muitas das homenagens. Também pensei sobre isso algumas vezes quando reli algumas das homenagens (a de Bibi Ferreira; a de Willington Germano; a de Edgard Carvalho; a de Henri Atlan; a que escrevi para o casamento dos amigos Crizóstimo e Carlos; as de Edgar Morin; e assim por diante). Em quase todas elas há elementos de autorrevelação ou projeção. Às vezes, são autorrevelações de desejos ou de projeções

ideais (tipo: ah!, como eu gostaria de ser como você!). Às vezes, me faço valer da homenagem para expor meus ideais mais utópicos (como a sugestão de que os amores e as amizades deveriam se reger por uma carta de reafirmação/renovação a cada cinco anos – como está na homenagem do casamento homoafetivo). Às vezes, anuncio para o homenageado aquilo que gostaria eu mesma a anunciar (caso da homenagem a Willington, quando termino com a música de Edith Piaf, *Je ne regrette rien*). De fato, o que há de marca minha, originalmente minha, nisso? Quem de nós homenageia um inimigo? (bem, evitando a generalização perigosa, isso acontece no teatro falso e perverso da prostituição política). Quem de nós destaca como valor qualidades que depreciamos e nos envergonham como humanos? Dito de outro modo, penso que os outros são, sempre, em parte, faces, movimentos, expressão e contingências de nosso eu. Somos, de fato, muitos e nosso desafio parece ser o de viver pelo menos alguns desses muitos que somos cada um.

Helton – Suas *Palavras úmidas* são úmidas de afeto. Neste livro, você homenageia diferentes amigos com palavras amorosas e cordiais. Agora, contudo, proponho um novo *Palavras úmidas*, mas dessa vez destinado inteiramente aos desafetos. Será um livro catártico. Que palavras você dedicaria a eles?

Ceição – Proposta rejeitada (risos). Eu nunca escreveria um *Palavras Úmidas* destinado aos desafetos. Por vários motivos. Primeiro, porque não considero que eu tenha verdadeiramente desafetos e, se os tenho, não são desafetos verdadeiros que dariam um livro de mais de 20 páginas com 4 “des-homenagens”, inventando palavras como Manoel de Barros.... Claro que não tenho respeito, me afasto ou mantenho relações puramente formais ou apenas civilizadas com pessoas que julgo sem caráter, dissimuladas, que me causam dor, que me decepcionam. Mas, diante dessas pessoas, eu exercito a difícil arte da compreensão. Elas são assim, o

que fazer? Faz parte de meu estilo de ser respeitar outros modos de ser com os quais não compactuo, e mesmo aqueles que abomino. Há amigos que dizem que eu sou a própria Teresa de Calcutá, às vezes me chamam “Irmã Paula” (ou é Irmã Dulce?), dizem que eu perdoos demais, sou generosa em excesso, etc. Isso em relação às pessoas com as quais convivi e convivo de perto nos vários ambientes pelos quais me desloquei. Não em relação às ideologias e posições políticas. Nesses topoi não sou nada generosa, compreensiva, respeitosa e civilizada.

Há um motivo maior pelo qual eu nunca dedicaria um *Palavras úmidas* aos desafetos. O desafeto em sua expressão mais letal causa dor, nos faz passar noites em claro, provoca pressão alta, câncer, sentimento de abandono, decepção visceral, desencanto. O sentimento de desafeto parece muito com a pulsão de morte e eu não gosto nada quando sinto no ar qualquer pequena fagulha de um desses sintomas. O que faço, então, com o que poderiam ser espaços, fluxos ou pessoas do desafeto? Três inspirações me vêm agora e explicito-as. Primeira estratégia: às vezes me alimento das ideias de Sun Tzu, (livro *A arte da guerra*), para quem podemos ganhar uma guerra sem guerrear. Ou seja, cultivo e mesmo cultuo em excesso os afetos verdadeiros (ou fictícios, de minha parte) no lugar de dar espaço, atenção e ‘trela’ aos potenciais desafetos. Definitivamente, não sou nada bélica. Segunda estratégia: às vezes, tento me conduzir por um princípio do bem viver ensinado por Wyllys Farkatt e que consubstancia uma chamada “regra de número três”. Sem precisar contextualizar o longo cenário narrativo, basta dizer que a regra três diz em síntese: “solte o corpo, não sofra”. Terceira estratégia: por fim, se não dá mesmo para desconhecer a dor que causa um desafeto, aceitemos o conselho de Maria Fatima Xavier – construamos um “cemitério dos vivos” no nosso imaginário e coloquemos ali

esses desafetos. Uma precaução nesse caso é necessária – devemos acender um incenso todos os dias para esses desafetos. A intenção ao acender o incenso? Que eles vivam felizes e bem a vida que escolheram, mas que se mantenham apenas no nosso cemitério imaginário, longe de nossa vida real.



Foto: Angela Almeida

Helton Rubiano de Macedo é jornalista, editor de publicações da Editora da UFRN e doutorando em Estudos da Linguagem (UFRN).

Margarida Maria Knobbe é professora da Estácio Natal, mestre e doutora em Ciências Sociais pela UFRN, pesquisadora do GRECOM – Grupo de Estudos da Complexidade da UFRN.